

Os guarda-chuvas cintilantes e a constituição do sujeito na história

Os guarda-chuvas cintilantes and the constitution of the subject in history

Márcio Jean Fialho de Sousa¹

Universidade de São Paulo/Faculdade de Tecnologia de São Paulo

Resumo: O pós-modernismo emerge como a estética da dissolução de valores, da fragmentação e da descentralização do sujeito. Assim como já se notou no modernismo, o indivíduo da pós-modernidade herda o isolamento já evidenciado na modernidade do século XIX, encontra-se exilado ou mesmo alienado em meio a uma grande multidão. Partindo desta perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a obra *Os guarda-chuvas cintilantes*, de Teolinda Gersão, publicado em 1984, demonstrando como os recursos de experimentação linguística presentes na narrativa de Teolinda, e como estes elementos temporais e metalinguísticos compõem pontos fundamentais para a constituição do sujeito pós-moderno nesta obra que se autodefine como Diário.

Palavras-chave: Teolinda Gersão; revisitação; pós-modernidade; diário; sujeito-autor.

Abstract: Postmodernism emerges as the aesthetic of values' dissolution, fragmentation, and subject decentralization. As it has already been noted in modernism, the individual of postmodernity inherits the isolation already evidenced in nineteenth-century modernity, this individual finds himself exiled or even alienated among multitudes. From this perspective, the objective of this article is to analyze the diary *Os Guarda-chuvas cintilantes*, by Teolinda Gersão, published in 1984, demonstrating how the linguistic experimentation resources present in this narrative, and how these temporal and metalinguistic elements make up fundamental points for constitution of the postmodern subject in this work that defines itself as Diary.

Keywords: Teolinda Gersão; revisitation; postmodernity; daily; subject-author.

Introdução

A única certeza de que se pode afirmar na pós-modernidade é a *incerteza* diante de todas as coisas. De fato, o pós-modernismo emerge como o anti-moderno, como a estética da dissolução de valores, da fragmentação e da descentralização do sujeito. Se no projeto modernista, tal como o apresentado pelo famoso poeta Baudelaire em seu icônico texto “Pintor da vida moderna”, o indivíduo encontra-se isolado, exilado ou

¹ Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Grupo Eça-USP. Professor da SEE-SP e da FATEC Sebrae. E-mail: pavlovfialho@usp.br.

mesmo alienado em meio a uma grande multidão; no pós-modernismo o indivíduo torna-se fragmentado, descentralizado, um ser em construção ou em busca desta completude da vida.

Também neste contexto, os valores são colocados em xeque, os paradigmas são questionados, isso porque, conforme afirma Stuart Hall, antes mesmo do modernismo, ainda no século XVIII, “se acreditava que essas [tradições, valores, paradigmas] eram divinamente estabelecidas, não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais.” (HALL, 2011, p. 25). Quando os valores institucionalizados são colocados em dúvida, o indivíduo que, de certo modo, já conhecia seu papel social, sua identidade e seu fim, neste período pré-moderno, passa a buscar a constituir-se a partir de suas próprias convicções, crenças e valores quase que pessoais.

Outras vozes, outrora silenciadas, como a das mulheres, negros, gays e dos povos colonizados, assumem no pós-modernismo um potencial revolucionário, em virtude de oposições a discursos estandardizados e canonicamente aceitos. Nesse sentido, dentro do fazer literário, a forma e a linguagem passam a ser exercícios de experimentação e os gêneros textuais, por seu turno, tornam-se híbridos, longe das definições de formas padronizadas.

É partindo desta contextualização do pós-modernismo que será analisada a obra *Os guarda-chuvas cintilantes*, de Teolinda Gersão, publicada no ano de 1984. A finalidade desta análise é identificar os recursos de experimentação linguística presentes na narrativa de Teolinda Gersão e como estes elementos temporais e metalinguísticos compõem pontos fundamentais para a constituição do sujeito nesta obra que, já no subtítulo, auto define-se como Diário.

Pós-modernismo como recurso estético no fazer literário

Assim como já afirmara Lilian Jacoto, em 2009, acerca de Teolinda Gersão, a autora de *A casa da cabeça de cavalo* apresenta sempre em seus textos uma dose de

reflexividade, de modo que “parece haver tantas Teolindas quantos são os romances que ela escreveu” (JACOTO, 2003, p. 103).

De fato, os textos de Teolinda Gersão sempre convidam seus leitores a pensarem sobre a sociedade, sobre si mesmos e sobre a vida contemporânea. Claro que a autora não apresenta em sua narrativa uma perspectiva de autoajuda, porém, por meio de estratégias literárias e de ruptura com estruturas narrativas tradicionais, introduz o leitor ao mundo pós-moderno que ora se apresenta.

Em *Os guarda-chuvas cintilantes*, de 1984, Teolinda Gersão revisita o gênero diário pessoal colocando em debate as principais características do gênero textual. Segundo a descrição do verbete *diário*, presente no *Dicionário de Termos Literários*, a escrita deste gênero pressupõe:

O relato de acontecimentos ocorridos durante as vinte e quatro horas do dia. De duas formas se processa o registro dos eventos: por meio do jornal, ou seja, papel impresso publicado todos os dias ou com certa periodicidade; ou nas páginas reservadas em que o escritor aponta e comenta os fatos principais do seu dia-a-dia. A segunda modalidade, chamada “diário íntimo”, é que carrega interesse literário, posto que restrito. (MOISÉS, 2008, p. 148)

No caso da narrativa de Teolinda, descrição alguma das acima citadas podem ser encontradas em seu texto aqui analisado, ainda que o subtítulo da obra *Os guarda-chuvas cintilantes*, seja “Diário”. Já em princípio, nos primeiros registros do livro nota-se que os relatos são generalizantes e com temas e estruturas diversas, não apresentam regularidades, tampouco são expressões do dia-a-dia. Os registros não marcam nem mesmo os meses, resumindo-se a apresentar o dia da semana e uma numeração que, provavelmente, diz respeito ao dia do mês, tal como os quatro primeiros relatos que são marcados como: *Domingo, um; Sábado, três; Segunda, catorze; Quinta, oito*. O tempo em que os registros foram realizados também é relativo e aleatório, como nota-se.

No registro de “Segunda, doze”, o próprio escritor, que não é necessariamente a escritora Teolinda Gersão, questiona o gênero textual que está sendo utilizado, segundo ele:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Não é um diário, disse o crítico, porque não é um registro do que sucedeu em cada dia. Carecendo portanto da característica determinante de um gênero ou subgênero em que uma obra pretende situar-se, a referida obra está à partida excluída da forma específica em que declara incluir-se. Dixi. (GERSÃO, 2004, p. 22).

Também não se trata de um diário íntimo, visto que os assuntos retratados não se referem ao foro íntimo, mas a experiências provindas de observações e de reflexões que oscilam entre pessoais ou externas e/ou teóricas, como, por exemplo, no registro de “Terça, oito”: “A História começa onde começa a escrita (a história começa onde começa a escrita), escrevo no cimo da folha de papel. / Antes, é apenas um tempo informe e sem medida” (GERSÃO, 1984, p. 12).

Esse registro, porém, demonstra uma preocupação de Teolinda Gersão que, de alguma forma, aparece também em outras obras de sua autoria, ou seja, a escrita como registro da História, ou melhor dizendo, o que se nota é o exercício literário como instrumento de perpetuação da memória, da história. Essa alusão aparece também *A casa da cabeça de cavalo*, na figura da personagem Januário, ainda que este registrasse a história de modo bastante arbitrário e tendencioso na narrativa, mostrando que a escrita é ideológica e partidária. Também com a perspectiva do registro da história, a escrita aparece em *A árvore das palavras*, em vários episódios, mas sempre com a relação de que escrever é um profícuo instrumento “para que não [se] esquecessem” (GERSÃO, 2004, p. 184).

Este registro contra o esquecimento aparece, inclusive, no formato do gênero literário utilizado em *Os guarda-chuvas...*, ou seja, a falta de registro do dia-a-dia sendo substituído por um registro casual e com intervalos irregulares entre eles, mostra também que só foi registrado aquilo que “o autor” deste diário pensou ser interessante não se esquecer ou o que pensou ser interessante a dar a conhecer ao seu leitor:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Porque o tempo não era contínuo. Mas nada era contínuo, também a razão não era, nem o conhecimento que se tinha das coisas. Tudo era sempre fragmentário e interrompido. Também o corpo. Só quem se matava se possuía talvez inteiramente. Daí que o suicídio fosse fascinante. (GERSÃO, 1984, p. 91)

Essa citação leva o leitor a outro elemento importante da pós-modernidade: a fragmentação ou a descredencialização do sujeito. Desse modo, o sujeito cada vez mais se encontra dividido, partido, ainda que tenha vivenciado sua própria identidade como se ela estivesse unificada (Cf. HALL, 2011, p. 38). Isso porque, nada é contínuo no mundo pós-moderno, nem mesmo a razão, tampouco o conhecimento.

Desta forma, o sujeito-autor do diário em *Os guarda-chuvas cintilantes*, angustiado e em busca de si, registra suas impressões, mas, ao mesmo tempo utiliza-se da escrita como auxiliar para seu processo de autoconhecimento: “A folha de papel como armadilha em que a vida cai, desprevenida, incauta, tropeçando ao passar na minha mão ardilosa que sub-repticiamente se levanta transforma em obstáculo à sua marcha” (GERSÃO, 1984, p. 89). Essa perspectiva dialoga com a ideia de Michel Foucault acerca da escrita de si quando ele diz que esse tipo de narrativa se relaciona diretamente com o exercício de autoconhecimento na medida em que ela é capaz de atenuar os perigos da solidão e de dá ao que se viu, ou pensou, um olhar possível (FOUCAULT, 2009, p. 130).

O processo de autoconstrução, de autoconhecimento, porém, não é fácil, é, por outro lado, um caminho traumático, carregado de sofrimento, “isso porque esses exercícios exigem disposição e coragem para fazer descobertas desagradáveis sobre si mesmo acerca de seus próprios limites e fraquezas” (SOUSA, 2016, p. 75). Consciente desta afirmação, argumenta o sujeito autor de *Os guarda-chuvas...* sobre o exercício da escrita:

Ou é um jogo então, a escrita, admito que é apenas um jogo, concluiu. Mas como qualquer jogo podia levar à morte. Porque o que conferia ao jogo a tensão e o risco, era que, no limite, o jogador encontrava sempre a morte. (GERSÃO, 1984, p. 97).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

A morte aqui, no entanto, não significa necessariamente a morte física, mas também a morte da ilusão e/ou da pretensão em salvar-se a si mesmo e o mundo, afinal “Os livros não mudam talvez nada no mundo”, mas saber disso não é o suficiente para que se deixe de escrevê-los, afirma o sujeito autor, consciente de sua missão (Cf. GERSÃO, 1984, p. 120).

Sendo assim, o exercício da escrita passa a ser um meio para o conhecimento de si passo a passo, sem que se chegue também a um conhecimento completo, mas de forma processual e contínuo:

O único romance que valeria a pena escrever seria aquele em que a personagem procurava desesperadamente uma saída, e um dia tropeça efectivamente nela, e caía para fora, pensou. Mas esse romance era impossível, porque o que caía para fora não era pensável. A própria linguagem também ficava dentro do sistema. (GERSÃO, 1984, p. 91).

Esse fragmento elucida bem o processo de autoconhecimento, ou seja, não é possível se autoconhecer completamente, já que isso pressuporia uma plenitude, uma completude.

A completude torna-se, porém, impossível porque o que está além dos conhecimentos humanos não significa não existir, mas apenas ser desconhecido. Também a linguagem torna-se um descompasso nesse processo, já que esta é limitada, ideológica e, por isso, arbitrária. Nestes termos, Jacques Derrida argumenta que, apesar dos melhores esforços do falante, este não pode, jamais, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade, já que as palavras são multiformes e “multimoduladas”. Sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar dos melhores esforços para cerrar o significado.

Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (HALL, 2011, p. 41-42)

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Voltando a *Os guarda-chuvas...*, o sujeito autor desse diário busca autoconhecer-se, assim como escrever, torna-se uma situação de inquietação necessária em sua vida. É impossível exilar-se em si mesmo. A paz também é uma situação passageira e ocasional, sendo sinônimo quase que de comodismo:

Experimente ficar em paz, na beira da piscina, desafiou ela. Vai ver o que acontece à sua ‘paz’.

Porque o livro tinha razão. Essa ‘paz’ tinha de ser destruída – pela consciência, ou, se a consciência cobardemente [*sic*] fugisse, pela força.

Não pense que vai fechar os olhos e escapar, disse-lhe irônica. Experimente, experimente ficar aí ao sol na beira da piscina (GERSÃO, 1984, p. 129).

A inquietação é uma condição *sine qua non* para o encontro consigo. É impossível ignorar aquilo que já se conhece sobre si, pois a consciência é implacável, pode-se até ignorar a voz da consciência, mas ela não o abandona. Aliás, um auxiliar a esse exercício do encontro consigo já fora discutido por Michel Foucault (1985), na ocasião, o filósofo afirma que ignorar a consciência é impossível, melhor seria analisá-la. Dentre essa prática está o exame de consciência.

O *exame de consciência* já havia aparecido entre os ensinamentos dos filósofos pré-socráticos, tal como Pitágoras que, inclusive havia ensinado acerca deste exercício espiritual; porém recebe uma descrição mais aprofundada com Sêneca, no século III da era cristã. Segundo Foucault,

“A partir do momento em que a claridade se retira” – e o silêncio – “quanto sua mulher se cala” – são as condições exteriores. O cuidado com uma preocupação para um sono feliz não está, aliás, ausente em Sêneca: “O que há de mais belo do que esse hábito de inquirir sobre todo o seu dia? Que sono, este que sucede a essa revidada sua porção de elogios esta dos próprios atos? O quanto é calmo (*tranquillus*), profundo (*altus*) e livre (*liber*) quando a alma recebeu sua porção de elogios e de reprovação (Sêneca. *Apud*. FOUCAULT, 1985, p. 66).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Deste modo, o exercício diário convida o autoexaminador a refletir sobre suas próprias ações cotidianas acerca do que fez de considerado bom e do que ainda precisa ser melhorado para se chegar assim a um suposto estágio virtuoso.

Outro ponto interessante que Teolinda Gersão coloca em pauta é o uso da escrita literária como instrumento de desalienação cultural e social na sociedade.

As imagens metafóricas que Teolinda apresenta em sua obra são artisticamente surpreendentes, simples e cheias de significados. Em “Segunda, treze”, a visão de uma biblioteca é descritivamente apresentada para, em seguida, concluir que bilhões de ratos colocavam-se a devorar os livros que lá estavam, tentando “ultrapassá-los, vencê-los e chegar do outro lado à porta de saída para um mundo diferente” (GERSÃO, 1984, p. 120-121). Esse mundo diferente, como se lê, ao mesmo tempo em que é apresentado como ilusão pelo narrador, é também um caminho de possibilidades, mas, para isso, era necessário que os livros fossem digeridos (Cf. GERSÃO, 1984, p. 121).

Depois desse relato, agora no dia “Quinta, três”, o narrador afirma que tudo poderia ser diferente, toda a realidade poderia ser outra, porém tudo “seria de outro modo se os seus olhos vissem claro” (GERSÃO, 1984, p. 121). Nesse sentido, fica lúcido ao leitor o apelo que está sendo feito no sentido de que é preciso atentar-se ao mundo real, é necessário ter clareza dos fatos, da realidade. Uma das formas para que isso ocorra é a digestão dos livros, como foi anunciado.

Essa perspectiva do narrador materializa-se, porém, quando na narrativa subsequente, “Segunda, trinta”, ele da a conhecer uma situação de leitura protagonizada por Wanda:

Wanda estava no jardim, deitada na rede, contou-me, a ler um livro em que uma mulher lia no jardim, deitada na rede, sentindo perto os passos de uma criada preta trabalhando. Levantou os olhos do livro e sorriu, porque também no seu jardim estava uma criada preta trabalhando. Podando rosas, reparou, com uma enorme tesoura na mão e um chapéu de palha na cabeça. A tesoura faiscava, com reflexos metálicos, ao sol. (GERSÃO, 1984, p. 121-122).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Nessa metáfora, Wanda lê, mas acima de tudo ela é capaz de ver na literatura a sua própria realidade. Nesta descrição, mais do que apresentar uma cena pitoresca e metalinguística, o narrador dá vida ao projeto outrora apresentado por Baudelaire que se traduzia em estetizar a vida por meio da arte. Por outro lado, agora a arte estaria também educando o leitor para sua realidade latente.

É curioso esse trecho do livro porque mediante a leitura de Wanda, que se estende em algumas páginas, ela se vê confundida com a protagonista do texto lido, chega a entrar em transe e, de repente, sua história mistura-se com a história lida e vice-versa. E, como que vivenciando certo sentimento de culpa ou de exploração da criadagem, assusta-se, acreditando que o fim da protagonista do livro viesse a ser também seu próprio fim:

Wanda ouve de repente atrás de si os passos e volta-se gritando, no instante em que no livro a criada preta crava a tesoura no peito da mulher, grita atirando o livro e levantando-se, olha sem ver, esgazeada, para a criada preta que desdobra triunfalmente diante dela uma mancha clara:

“Olha só seu vestido, dona, diz sacudindo-o e resgando um sorriso bom em toda a cara: Pelejei, pelejei, e acabei tirando ela. A danada dessa nódoa que não saía nunca.” (GERSÃO, 1984, p. 128).

Também aqui, tal como na constituição do sujeito autor já discutia, Wanda entra em conflito consigo mesma, não consegue mais lidar com a realidade da mesma forma que lidava antes da leitura realizada: “Antes, havia uma certa inocência. Um mundo abstrato, em que os outros eram apenas genericamente ‘os outros’, sem existência real [...]. Como acertar então, logicamente, a minha vida” (GERSÃO, 1984, p. 129).

Deste modo, também o processo de desalienação torna-se doloroso, visto que também corrobora para o processo de autoconhecimento. Assim afirma Wanda, na sequência do discurso: “[...] isso liquida-me porque essas coisas sou eu, e sem elas não existo, por isso vocês podem ter razão mas eu não quero saber nem tomar consciência. Quero recuperar minha paz, deitar-me ao sol na beira da piscina, sem pensar em nada” (GERSÃO, 1984, p. 129).

Algumas considerações finais

Mais que contar uma história, o romancista da pós-modernidade experimenta novas e antigas formas de narrar. Não se contenta em conhecer as teorias dos gêneros literários, vê-se na necessidade de empregá-los com propriedade, revisitando-os, atualizando-os e até mesmo questionando-os.

Em *Os guarda-chuvas cintilantes*, Teolinda Gersão demonstra todo o seu conhecimento prático e teórico necessários para um bom, senão excelente, escritor(a) contemporâneo. Ultrapassando as questões literárias, na voz do sujeito autor, Teolinda Gersão coloca seu leitor em diálogo com o homem pós-moderno, com o sujeito da contemporaneidade, conduzindo-o a uma reflexão sobre a constituição do sujeito em meio a tantas incertezas que o mundo contemporâneo apresenta.

Em complementariedade a tudo isso, o sujeito incompleto retratado na obra de Gersão também é expresso por meio do gênero que demonstra a maior intimidade de si, o diário que, em *Os guarda-chuvas cintilantes*, é revisitado, assumindo uma nova roupagem que não mais assume o compromisso da escrita do dia-a-dia, mas uma escrita ocasional, a partir de novos olhares, dando a conhecer apenas aquilo que interessa ao leitor ser conhecido.

Desse modo, Teolinda Gersão demonstra como a escrita da história de si pode ser questionada ao mesmo tempo em que revela que o tempo narrado é relativo e ilusório, visto ser um misto de possibilidades e de experiências.

Referências

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 2009.

_____. *História da Sexualidade: O cuidado de si*. Vol. III. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GERSÃO, Teolinda. *A árvore das palavras*. SP: Planeta, 2004.

_____. *Os guarda-chuvas cintilantes*. Lisboa: O Jornal, 1984.



AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11^a ed. RJ: DP&A editora, 2011.

JACOTO, Lilian. “A pena da galhofa de Teolinda Gersão: A casa da cabeça de cavalo”. In: FERNANDES, A. G. SILVEIRA, F.M. *A Literatura Portuguesa: Visões e Revisões*. SP: Ateliê Editorial, 2009., p. 103-116.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. SP: Cultrix, 2008.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. *A mimese da escrita intimista nas narrativas autodiegéticas de Eça de Queirós*. Tese de doutoramento. SP: Universidade de São Paulo, 2016.

Recebido em: 15/02/2017

Aprovado em: 30/03/2017